

PRÁTICAS DISCURSIVAS EM *BLOG* JORNALÍSTICO: “COMENTÁRIOS” SOBRE O CASO ISABELA

Leandro TAFURI¹

ABSTRACT: The media, according to Navarro (2006), is a fertile field of discursive practices, since it produces and circulates infinite meaning effects on society. With that in mind and that the material selected for analysis is characterized by an intersection of history, subject and language, this work is to analyze / interpret the comments of the blog created by Editora Abril journalistic reporting matters relating to the case Isabela Nardoni, the girl in March this year thrown out the window of the sixth floor, allegedly by her father and stepmother. In light of the theoretical and methodological principles of discourse analysis of French oriented, more precisely from formulations of Michel Foucault, this paper intends to confine and understand the effects of interdiscourse - say the constitution - on intradiscourse - formulation of saying, focusing on the discursive event and taking as object of analysis the above mentioned comments / statements made by blog readers <http://abril.com.br/blog/caso-isabela-nardoni> that ran daily reports about the case. Discursive practices of bloggers, emerging representations of crime related to the formation of identity of those readers; outcrop also pictures of an audience-spectator crossed and made up of speeches by religious and political order. This work aims therefore to make them realize and understand the blog as a "space interdiscursivity and intertextualities", since, by their mode of becoming, enables a variety of texts. It can be seen through this research, the blog is viewed as a postmodern agora, as it becomes a space for discussion without closures, as occurred in ancient Greece.

KEYWORDS: Discourse analysis, blog, media, Isabella Nardoni

1. Introdução

A mídia, em certos casos, enfoca sobremaneira determinados crimes, como o que aqui será analisado. A cena de uma menina sendo jogada pela janela do sexto andar de um apartamento em São Paulo, cristalizou-se na retina dos brasileiros. O acontecimento, as imagens da reconstituição do crime, inúmeras vezes repetidas pelos programas de televisão numa noite de domingo, nos faz pensar em como a mídia apreende e produz sentidos de modo a provocar a familiaridade com o acontecimento, tal como observou Gregolin (2003) ao analisar a cena dos aviões se chocando com as torres gêmeas em 11 de setembro de 2001. Assim como a imagem dos aviões colidindo, a cena da menina/boneca jogada torna-se banalizada diante tamanha exploração.

No dia 29 de abril de 2008, um crime começa a “assombrar” o país. A notícia de um roubo seguido de morte fora veiculada. Na versão dos pais, não aceita pela polícia, um bandido teria entrado no apartamento, cortado a tela de proteção da janela do quarto de Isabela e atirado a menina de 6 anos, do sexto andar. Para a polícia, o casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá estrangulou a menina e decidiu se livrar do corpo, jogando-o pela janela.

A mídia tenta(ou) desvendar o crime e informar o máximo possível um “público abalado” com a morte de Isabela. Uma torrente de informações passa a ser publicada/veiculada diariamente sobre o caso. Todos os meios de comunicação noticiavam o fato e o público ansiava pelos culpados.

¹ Aluno Regular do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá/PR – Docente da Faculdade Guairacá, Guarapuava/PR. E-mail: letafuri@hotmail.com.

Crimes como este mexe com o imaginário social e despertam inúmeros sentimentos. As pessoas sentem-se afetadas e sofrem junto com a família da vítima. Nesse caso em especial, se for provado (o casal ainda não fora julgado) o envolvimento do pai e da madrasta, o acontecimento será ainda mais doloroso. O pai é o indivíduo que deveria proteger, pois ainda é tido como pilar na estrutura familiar; já diferentes efeitos de sentido provoca a figura da madrasta, na medida em que ela, ao ocupar o lugar da mãe/esposa desencadeia a memória de pessoa maldosa, intolerante e cruel, memória essa que cotidianamente é realimentada pelos tradicionais contos de fadas.

Selecionamos, para fins de análise, comentários/depoimentos feitos pelos leitores do *blog* <http://www.abril.com.br/blog/caso-isabella-nardoni/>, criado pela Editora Abril para veicular diariamente notícias sobre o caso Isabela Nardoni. Como característica desse meio de comunicação, é permitido aos leitores participarem de cada *post*” (nome para cada inserção noticiosa, nesse caso), por meio de comentários. E são esses comentários que serão focalizados e analisados no desenvolvimento do trabalho.

2. *Blog* Caso Isabela: material de análise

Este trabalho, como já explicitado, tem como suporte de análise o *blog* criado pela Editora Abril para acompanhar o caso Isabela Nardoni. Para tanto, é importante considerar alguns elementos acerca deste meio de comunicação que vem ganhando espaço dentre os internautas e os jornalistas nos últimos anos. Necessário, primeiramente, delimitar o que é jornalismo de internet: “Jornalismo digital (...) pode ser precariamente definido como a disponibilização de informações jornalísticas em ambiente virtual, o ciberespaço, organizadas de forma hipertextual com potencial multimidiático e interativo”, (PENA, 2005, p.176).

O termo *blog* surgiu em 1997, nos Estados Unidos, como derivação do termo *web log*. Jorn Barg utilizou o termo para designar seu *site*, uma *home page* pessoal caracterizada por uma coleção de comentários com *links* para outras páginas da internet que terminava com uma seção na qual o autor mantinha um diário. Seu formato é simples e semelhante a uma *webpage*, com a diferença de ser de fácil utilização, como para registrar e atualizar informações. Não é necessário, por exemplo, conhecimentos sobre HTML, a linguagem das páginas de internet.

A internet, neste cenário de ciberespaço, tem se tornado um profícuo meio de informação, uma vez que agrega texto, imagem e som, elementos que compõem os outros três meios de comunicação: rádio, TV e impresso. Para muitos, uma revolução nos meios de informação.

Quando surgiram, os *blogs* ganharam grande espaço entre os adolescentes, que os utilizavam como diários, narrando o seu dia-a-dia e opiniões sobre seus assuntos preferidos. “Os 'ciberdiários', páginas pessoais, *weblogs*, ou, simplesmente, *blogs*, como são conhecidos, constituem-se em uma ferramenta digital que propicia um espaço na Internet para que seus usuários a utilizem como uma forma de expressão aberta, de temática livre e de atualização freqüente. Tornaram-se um espaço garantido de expressão pública”, (OLIVEIRA in SARGENTINI e NAVARRO, 2004, p.201).

O *blog* possibilita, nesse seu modo de constituir-se, uma variedade textual que o torna num espaço de sincretismo do discurso, ou seja, “um campo de interdiscursividades e de intertextualidades em todos os sentidos”, (OLIVEIRA in SARGENTINI e NAVARRO, 2004, p.202).

Mattoso (2003) afirma que a rápida expansão do meio de comunicação é um fenômeno social e que, diante disso, não pode ser tratado de forma corriqueira. Segundo o autor, criado no final da década de noventa, existiam no final de 2002, mais de 1 milhão de

blogs no mundo. Surgindo um a cada 40 segundos, este meio de informação ganha adeptos ao redor do mundo.

O principal diferencial da nova ferramenta é a velocidade com que os textos, ao serem criados, podem ser postados e atualizados. Tanto os *bloggers* quanto os leitores vêm nos *blogs* a linguagem simplificada. “Se os bloggers não encontram barreiras em editar seus textos, os leitores irão se deparar com uma configuração simples e não-linear, através dos hiperlinks”, (MATTOSO, p.29).

De acordo com Schittine (2004), a escrita do *blog*, embora pessoal e muitas vezes íntima, tem de ser pensada e repensada em função de vários fatores, entre eles o público.

Para manter o contato com o Outro, institui-se entre os blogueiros uma escrita mais informal, em tom de diálogo mesmo. A internet possibilita e exige uma escrita sem formalidades e, acima de tudo, fragmentária. O diarista virtual precisa escrever posts frequentemente, daí o texto rápido e em cápsulas que, de certa forma, serve também para prender a atenção do leitor (SCHITTINE, 2004, p.155).

Mattoso (2003) afirma existir uma classificação entre os *blogs* que nos permite uma melhor compreensão acerca do material que será analisado. A primeira seria a de entretenimento, com características de diários pessoais. A segunda, esta que nos interessa, é a de informação, que apresenta elementos jornalísticos. No caso do *blog* da Editora Abril da Editora Abril sobre o caso Isabela Nardoni, ele se insere justamente na categoria de jornalismo de internet, pois acompanha o caso com notícias no momento em que elas acontecem.

O termo *blog* possui quatro acepções que estão fortemente vinculadas entre si: coleção de *links* com comentários, diário *on line*, *home page* pessoal na *internet* e página na *internet* disposta em ordem cronológica. Uma quinta acepção é a que vem ao encontro do presente objeto deste estudo, na medida em que considera o *blog* um local de discussão.

Algumas considerações em torno do veículo de comunicação devem ser compreendidas: é um suporte digital *on line*, ou seja, meio de comunicação via *internet*; tem a brevidade como característica textual, além de algumas “violações” da norma culta; o discurso é marcado pelo tom coloquial e direto; é uma página atualizada constantemente; o material postado é disposto em ordem cronológica, o mais recente aparece na parte superior da página; constrói um simulacro de co-participação, exacerbando o papel do leitor como co-enunciador, evidenciado pela ferramenta de comentários.

Como características primordiais deste suporte destacam-se, de acordo com Mattoso (2003), o *layout*, o horário que indica quando as atualizações são feitas, os comentários e os *links* que direcionam a outras páginas com temáticas semelhantes. Um *blog*, como grande marca, dá a chance ao sujeito-internauta de passar do lugar de audiência para o de autor que participa e interage junto à informação.

O *blog* do Caso Isabela, cuja *home page* é <http://www.abril.com.br/blog/caso-isabella-nardoni/>, foi ao ar pela primeira vez em 25 de abril de 2008, com a notícia “Polícia encontra marcas de vômito na camiseta do pai de Isabela”. A partir disso, inúmeros depoimentos foram desencadeados, evidenciando uma rede de sentidos que somente podem ser apreendidas e analisados, no âmbito deste estudo, se atentarmos para o conceito de enunciado e de interdiscurso, tal como são formulados no interior da Análise do Discurso de orientação francesa.

3. Análise do Discurso: sobre acontecimento, enunciado e interdiscurso

Ancorado nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, este trabalho entende seu material de análise como um entrecruzar de história, sujeito e língua, o que permite “estudos que se voltam para a compreensão de como se dá a produção e a interpretação dos textos num determinado contexto histórico, em uma determinada sociedade”, (GREGOLIN, 2003, p. 10).

Com relação à noção de acontecimento, este é o ponto de rompimento com uma estrutura já estabelecida e o surgimento de um novo processo discursivo. Em “Discurso: estrutura ou acontecimento”, Pêcheux (1990) propõe a análise do discurso a partir da observação de jogos enunciativos, possibilitados pelo povoamento de enunciados às margens de outros. Essa relação existente entre um enunciado e outros atesta sua historicidade.

Em outros termos, o acontecimento se dá no entrecruzamento de enunciados que, ao se tocarem, produzem efeitos de sentidos que somente significam por estarem ligados a sujeitos e a outros enunciados já enunciados, ou seja, à historicidade, à memória discursiva. É neste jogo enunciativo que a Análise de Discurso se faz presente, pois ela busca a descrição do arquivo de uma época. Importante destacar que o discurso se estabelece à medida que se insere no interior de outros por meio de relações, deslocamentos, vizinhanças.

Empreender a análise de enunciados é considerar, de acordo com Gregolin (in NAVARRO, 2006), sua dispersão e sua regularidade. O acontecimento deve ser analisado a partir de um conjunto heterogêneo de relações entre a memória e o esquecimento. Trata-se de uma concepção de base foucaultiana que considera a prática de Análise do Discurso:

a partir das séries enunciativas recortadas de um determinado “arquivo” produz o acontecimento discursivo, buscando circunscrever e compreender os efeitos de interdiscurso – a constituição do dizer – sobre o intradiscurso – a formulação do dizer. O trabalho do analista do discurso consiste em compreender outros sentidos que estão à margem do texto, isto é, “escutar” e fazer “falar” relação entre o dito e o não dito. (NAVARRO in NAVARRO, 2006, p. 70-71)

Para Foucault (2005), enunciado é a parte elementar do discurso. E esta noção é de fundamental importância para este trabalho, pois é a partir dela que recortamos nosso arquivo para posterior análise. Esse autor entende o enunciado como sendo o conjunto de signos em função enunciativa. Vale salientar que entre o enunciado e o que ele enuncia há uma relação entre sujeitos, perpassada pela história, que envolve a própria materialidade do enunciado. Isso significa que todo enunciado está intrinsecamente ligado a outros, daí recorre a noção de historicidade, de memória. Ao enunciar, o sujeito busca em outras bases o que já foi enunciado, ou seja, estabelece inevitavelmente uma recorrência à memória discursiva.

Foucault evidencia, no entanto, as distinções entre enunciado e frase, proposição e dos atos de linguagem. Um de seus questionamentos é realmente este: saber se o enunciado se assemelha aos estudos “dos lógicos”. Afirma, portanto, que o enunciado não pertence à mesma unidade que a frase, à proposição e aos atos de linguagem. Porém, a existência dos demais se estabelece em decorrência do enunciado.

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado

critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2005, p. 98).

Todo enunciado reatualiza, de uma forma ou de outra, outros enunciados já inscritos num jogo enunciativo. Portanto, enunciar é filiar-se ao passado e possivelmente inserir-se num futuro. “Não há enunciado em geral, livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo”. (FOUCAULT *apud* GREGOLIN in NAVARRO, 2004, p.30).

Podemos, então, entender que AD analisa os enunciados e a partir deles evidencia os acontecimentos e por conseqüência o estabelecimento e a cristalização, como afirma Gregolin (in NAVARRO, 2006), de certos sentidos em nossa cultura.

Este trabalho também se propõe a realizar uma análise das relações interdiscursivas presentificadas nos comentários do referido material de análise. O campo teórico mobilizado pela Análise do Discurso, de acordo com Orlandi (1999), determina que a memória se estabelece na efetivação do discurso, o que faz emergir a noção de condições de produção. Ou seja, o interdiscurso, a memória discursiva está intrinsecamente ligada às condições de produção. O interdiscurso é

definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discurso que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do preconstituído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 1999, p.31).

As palavras e os dizeres não são nossos, eles significam à medida que “tocam” as palavras já ditas. Essa idéia nos leva a compreender a relação entre o interdiscurso e o intradiscurso, ou seja, entre o já dito e o que está se dizendo. No interdiscurso, aponta Courtine (*apud* ORLANDI, 1999, p.34), fala uma voz “sem nome”, pois “é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague da memória para que, passando para o ‘anonimato’, possa fazer sentido em ‘minhas palavras’”, (ORLANDI, *idem*).

Diante desse conceito, observamos que a mídia se coloca como uma profícua rede de textos que são verdadeiras redes interdiscursivas. São, como aponta Navarro (2006), discursos que se inserem em meio a tantos outros já ditos e formam tal rede interdiscursiva, constituída de retomadas, de réplicas ou deslocamentos de elementos discursivos inseridos numa formação discursiva.

Com base, portanto, nesses dispositivos analíticos, passaremos a examinar o que foi dito/escrito no *blog* sobre o caso Isabella Nardoni, tendo sempre em conta que a mídia é uma superfície de emergência de práticas discursivas, lugar onde se produzem e fazem circular efeitos de sentido na sociedade e que a Análise do Discurso não busca uma verdade no texto; ela possibilita, por meio de seus dispositivos, compreender os gestos de interpretação (ORLANDI, 1999)

4. “Comentários” no *blog*: em nome da fé e questões políticas

Como já explicitado, nosso material de análise se constitui pelos comentários dos internautas no *blog* criado pela Editora Abril para informar aos leitores acerca de um crime

que “chocou” o país e despertou interesse de um sem número de pessoas. Vale ressaltar que nortearmos nossas análises a partir de dois temas que foram reincidentemente abordados: o religioso e o político. Para tanto, não faremos as correções gramaticais em tais comentários, pois se isso fosse feito, descaracterizaríamos o veículo, uma vez que uma de suas marcas é a linguagem informal. Entendemos também que tais “erros” se devem, muitas vezes, ao calor das emoções no momento da escrita e revelam marcas da própria enunciação.

Os comentários que seguem foram postados pelos internautas a partir da leitura da seguinte notícia: “Lula critica cobertura do caso Isabella”. No dia 26/04/08, o presidente do Brasil afirmou que a cobertura realizada pela mídia brasileira era exagerada e mostrou-se preocupado com o pré-julgamento do pai e da madrasta da menina. Na ocasião afirmou: “são vidas que estão em jogo e vidas destruídas, que dificilmente se recuperarão. O que preocupa é quando a pirotecnia toma conta da investigação, 24 horas por dia tocando no assunto”.

Os internautas assim se manifestaram:

O presidente Lula está tão acostumado a fazer defesa dos aloprados do PT que trata como "pirotecnia" até um caso de clamor público que envolve praticamente todos os brasileiros. Calma presidente, o Sr. não precisa de preocupar que ninguém de seu partido desta vez está envolvido em mais um escândalo.

Neste país é assim, se a policia não faz o seu dever, é criticada, se faz o seu dever é SHOW PIRTECNICO(SÓ PORQUE O BEBADO DE BRASILIA,GRASNOU ESSA BESTEIRA),.-

MAIS UMA VEZ O LULA ABRIU A MATRACA E DERRAMOU BESTEIRA, POIS PELO COMENTÁRIO DELE O CASAL JÁ ESTÁ INOCENTADO, E A POLICIA PAULISTA NÃO PASSA DE UMS ABESTADOS UM BANDO DE PATETAS. SR.PRESIDENTE PELO AMOR DE DEUS, MANTENHA SUA MATRACA FECHADA, NÃO OPINE O QUE NÃO SABE.NÃO ESTOU CONDENANDO O CASAL,POREM SÓ FALTOU O LULA DIZER PARA NÃO PRENDER O CASAL E DAR DUAS PRISÕES PERPÉTUAS PARA A MENINA,SIM POIS UMA PRISÃO PERPÉTUA O OU OS ASSASSINOS DELA JÁ DERAM.LOUVADO SEJA DEUS.

O Lula está certo. Essa mídia terrorista e aproveitadora já matou Isabella mil vezes mais que o(s) assassino(s). E isso é a tônica desses aproveitadores da dor alheia, que pra vender coca cola, cerveja, bancos, e toda sorte de bens de consumo, vendem a própria mãe, a mãe pátria, inclusive, por exemplo, subsidiados aos mais vis interesses.

Como podemos perceber nesses comentários, copiados na íntegra, os enunciados se marcam pelas sistematicidades e instabilidades dos sentidos: repetem-se as críticas dirigidas ao presidente e, ao mesmo tempo, elogiam-se suas afirmações. Nesse jogo enunciativo, percebe-se a inserção do sujeito na rede de poder em que se dá o discurso. A mídia, de acordo com os preceitos de Althusser, pode ser considerada como uma das detentoras do poder, pois se caracterizaria como um Aparelho Ideológico do Estado e, como tal, é disseminadora de ideologias. Entretanto, nos estudos foucaultianos, o poder não é mais visto desta forma, pois, para ele, o poder está pulverizado em toda a sociedade. Moreira (2002, p. 15), para explicar a questão do poder de Michel Foucault, escreve:

O poder está em todos os lugares e deles emana, não podendo, porém, ser localizado em nenhum ponto específico ou num topos determinado. Somente pode ser percebido como uma força que perpassa os pontos tocados por ele. Ou seja, o poder está em todos os lugares, mas não os pertence, existe em relação.

O poder se estabelece, portanto, como um conjunto de relações vividas pela sociedade; está presente nas microrrelações, ou seja, nos confrontos locais, como na instituição familiar. Foucault não considera como elemento essencial, portanto, a oposição binária de poder: dominadores *versus* dominados.

Caberia, aqui, uma questão: em que momento de nossa história, foi possível a um cidadão comum se manifestar na grande mídia, opinando a respeito da situação política? As pessoas “comuns”, ao longo da História, nunca tiveram espaço para difundir suas idéias e pensamentos. Em certa época, por exemplo, o funcionamento do poder era absolutista, centralizado na figura do rei, que, acreditava-se, recebia seus poderes pela graça divina; na modernidade, outras formas de poder se instauraram, como o poder disciplinar que está na gênese de uma *sociedade do controle* (FOUCAULT, 1988)

Schittine (2004), em “*Blog: comunicação e escrita íntima na internet*”, traça um histórico que vai da escrita íntima dos “diários secretos” aos *blogs*. Nos antigos diários, a escrita íntima permitia a “confissão” de segredos e notas sobre as indignações. Tais práticas ganharam o espaço público e se concretizam nestes meios de comunicação. Isso significa que a aparição dos enunciados, e não outros em seu lugar, foi determinada pelas condições de sua existência sempre tendo em conta que um enunciado estabelece correlações com outras formas que a enunciação exclui (FOUCAULT, 2005, p.31).

Para Foucault (1996),

[em] toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu conhecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”, (idem, p.8-9).

Daí uma idéia bastante conhecida do filósofo: “não se tem o direito de dizer tudo, (...) não se pode falar de tudo em qualquer circunstância (...) qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1996, p.9). Em se tratando do espaço enunciativo dos *blogs*, os sujeitos estão investidos de um poder que até então não existia, podendo fazer falar a voz da revolta, da ira, ou mesmo a voz que está em consonância com o discurso do presidente da república. Inscrevendo-se nessas redes de poder, os sujeitos internautas puderam “dizer o que pensavam”; criticaram, falaram mal ou mesmo concordaram com as idéias do presidente.

Sabemos que o sentido não está no texto, assim como não está no sujeito; ele se encontra no funcionamento discursivo e é apreendido, interpretado nas relações inevitáveis que se estabelecem entre sujeito, texto e história, ou seja, no interdiscurso. Quer dizer: todo texto se constrói em uma rede de formulações discursivas; é composto a partir da relação, muitas vezes polêmicas, de um discurso com muitos outros discursos.

Os depoimentos 1 e 2, tomados como acontecimentos discursivos, apresentam rastros de memória de outros discursos. Durante vários meses, no ano passado, a mídia jornalística foi palco de incontáveis notícias, matérias, reportagens, etc. sobre os escândalos que envolviam membros do Partido dos Trabalhadores (PT), partido que o presidente ajudou a fundar e à frente do qual esteve durante toda sua trajetória política, culminando com o afastamento de importantes políticos. Ao enunciar *O presidente Lula está tão acostumado a fazer defesa dos alopados do PT (...) o Sr. não precisa de preocupar que ninguém de seu partido desta vez está envolvido em mais um escândalo* o sujeito-internauta recupera tais acontecimentos a partir dos quais (entre)tece os fios discursivos criando um efeito de crítica, de julgamento com relação às condutas do presidente veiculadas pela mídia.

Notemos que esse enunciado transita do discurso indireto para o discurso direto, deslocando o sujeito que primeiro comenta as condutas do presidente e, depois, interpela-o com o intuito de “tranqüilizá-lo” a propósito de suas declarações. No terceiro enunciado, o sujeito também interpela o Presidente da República para repreendê-lo a respeito de sua declaração. Observamos aqui o rompimento com a idéia de poder absolutista evidenciado pelos aparelhos ideológicos do Estado, uma vez que o discurso do presidente é “censurado” pelos internautas, em sua maioria. Este “diálogo/duelo” estabelecido entre o “comentarista” e o objeto de comentário é uma prática recorrente neste gênero, uma vez que existe uma preocupação no sujeito-blogueiro em atingir seu interlocutor, ainda que este seja virtual. Schittine (2004) afirma que

o que o blog possibilita é a cumplicidade com um público novo, de pessoas desconhecidas que têm sentimentos e segredos parecidos com os do diarista, mas que ele nunca conheceria se não se expusesse pela internet. Primeiro porque teria a dificuldade do constrangimento das relações face a face, depois pelo medo de não ser aceito. Do ponto de vista do leitor, o diarismo virtual traz a possibilidade de se comunicar com o diarista. Através da troca de idéias feita por e-mail e da correspondência feita por meio dos posts, pela primeira vez lhe é permitido se colocar, dar a sua opinião e se aproximar de quem está escrevendo. É a partir do momento em que o diarista responde, se estabelece aí a relação de cumplicidade. (p. 71).

Igual funcionamento discursivo ocorre no depoimento 2. Ao fazer referência ao presidente como *o bêbado de Brasília*, atualizam-se sentidos do passado, de um momento sócio-histórico em que Lula fora classificado como bêbado pelo jornalista do jornal norte-americano *The New York Times*. Na ocasião, o jornalista Larry Rohter publicou o artigo “*Hábito de beber de líder brasileiro vira preocupação nacional*”, o que gerou polêmica e revolta de inúmeras pessoas e virou motivo de piada entre os mais humorados. E nesse jogo interdiscursivo, o enunciado “bêbado” reatualiza a imagem do presidente como uma pessoa incapaz de exercer o cargo que ocupa, até porque o estado de “permanente embriaguez” pressupõe uma doença crônica com sérios distúrbios comportamentais. Ser bêbado é pejorativo para qualquer pessoa, uma vez que uma pessoa que sofre de dependência de álcool é considerada como alcoolista pela Organização Mundial de Saúde, ou seja, é tratado como doente. Na rede discursiva do depoimento, o bêbado é tomado como sinônimo de beerrão, portanto, figurativizador de descompromisso e falta de seriedade.

Enfim, este efeito de sentido, recuperado pela memória discursiva, aciona todos os discursos contrários à eleição e à atuação de Lula na presidência do país. Vale ainda atentarmos para os efeitos produzidos a partir da colocação em discurso do item lexical *grasnar* (enunciado 2). *Grasnar* é a “voz” do pato, da rã; é também gritar com voz desagradável. Ao desumanizar a figura do presidente, a partir de uma zoomorfização, o sujeito reverbera as vozes sociais de repúdio ao discurso do presidente.

Em linha contrária, o enunciado 4 se inscreve numa outra base do dizível, uma vez que vem reafirmar/corroborar o discurso do presidente. Tal enunciado assume consonância com o discurso do presidente antes da transformação deste para ser eleito. Seu discurso, muitas vezes radical, era contrário à economia globalizada e, não raro, a mídia era tida como “terrorista”. A globalização, assinala Bauman (1999), está na ordem do dia, pois é uma palavra que transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir portas de todos os mistérios presentes e futuros. “Para alguns, ‘globalização’ é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa de nossa infelicidade”, (idem, p. 7). O enunciado 4, mais do que corroborar o discurso com o discurso do presidente, vem no

rastro dos discursos daqueles que condenam a globalização e a tem como causadora da “infelicidade” do mundo. Inscreve-se, portanto, junto aos dizeres contrários à economia vigente.

O outro recorte do material de análise selecionado apresenta-se atravessado (e constituído) pelo discurso religioso, dentre outros. São recorrentes as evocações ao “poder divino”, evidenciando uma linguagem revestida de certa autoridade, na medida em que reverberam a palavra de Deus; enunciam ameaças, advertências sustentadas pelas verdades historicamente construídas sobre o bem e o mal, o pecado e a virtude.

Na seqüência, segue um desses trechos:

Todos querem justiça, mas não podemos esquecer a JUSTIÇA DE DEUS. Se foram realmente eles, se for provado ou não! Eles ou o assaciono, não fugir da justiça do Grande Deus de Hoje de Amanha e de Sempre. Que Jesus tenha misericórdia deles, pois haverar choro e ranger de dentes!

Alexandre Nardoni e Carolina Jatobá, saibam que a justiça de Deus não falha! Ele é misericordioso pra com quem se arrepende e confessa seu pecado. Confessem logo e libertem o povo brasileiro desta angústia. “Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo!”.

Em nossa sociedade, a evocação de Deus é recorrente devido a nossa tradição religiosa. Este *post* fora escrito como comentário à notícia “Curiosos cercam prédio de onde Isabela foi jogada”, de 26/04/2008. Que efeitos de sentido suscita tal comentário? O sujeito enunciador aparentemente tem dúvidas quando à identidade do assassino e, nesse jogo enunciativo, o de buscar a imparcialidade, sentencia com a “Justiça de Deus” o culpado: “*Que Jesus tenha misericórdia deles, pois haverar choro e ranger de dentes!*”.

O enunciador recupera, então, o discurso bíblico neste processo interdiscursivo. Sabemos que o novo está não no que é dito, mas no retorno desse dizer, no *acontecimento de sua volta* (FOUCAULT, 2006). Sabemos igualmente que, como evidencia Orlandi (1999), para “minhas” palavras terem sentido, é preciso que elas já tenham tido sentido alguma vez, em algum momento da história. É a partir desses postulados sobre o dizível e o repetível que é possível evidenciar o fato de que o sujeito é historicamente determinado pelo interdiscurso, pelo arquivo, pela memória do dizer. São palavras já ditas e esquecidas que, ao longo do tempo e de nossas experiências de linguagem, afetam-nos em seu esquecimento.

Assim, em Mateus 13, há a passagem na qual Jesus Cristo prega por meio de parábolas e sugere que aqueles que “são semeados” por suas palavras e “desviam” do caminho, sofrerão com o “choro e ranger dos dentes”, figurativizador do inferno. Diz a bíblia: “... sentam-se e separam nos cestos o que é bom e jogam fora o que não presta. Assim será no fim do mundo: os anjos virão separar os maus do meio dos justos e os arrojão na fornalha, onde haverá choro e ranger de dentes”.

Significativo também é o enunciado 6, no qual, por processos interdiscursivos, recupera o trecho bíblico “*Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo*”, presente em Hebreus 10:31. Esta recuperação discursiva é feita para comentar a notícia “Polícia pede prisão preventiva do pai e da madrasta de Isabela”, de 30/04/2008. Percebe-se neste *post* novamente o discurso bíblico, uma vez que em Hebreus é transcrita a misericórdia de Deus como salvação para aqueles que se arrependem de seus pecados. O pedido de perdão bíblico é, por meio de memória discursiva, a confissão do pai e da madrasta da menina Isabela.

5. Considerações finais

Entendemos, com este trabalho, que a mídia tem sua forma peculiar de produção discursiva com seus modos narrativos e rotinas próprias, que estabelecem alguns sentidos sobre o real no processo de sua apreensão e relato. O estudo da mídia por meio do discurso que a norteia e a caracteriza, permite-nos um maior entendimento dos seus modos de significar. Pois, de acordo com Rondelli (2001), ao veicular as notícias sobre atos de violência, ela se apropria, transforma em espetáculo e sensacionalismo ou, até mesmo, banaliza tais acontecimentos, atribuindo-lhes sentidos que, no instante de sua circulação social, induz práticas referidas à violência e sedimenta tais práticas no imaginário coletivo, naturalizando-as.

O discurso não representa unicamente os interesses do veículo; tampouco atende somente os interesses do público. O discurso “tem um funcionamento que lhe é próprio, possibilitando a emergência de significações que escapam (ou deslizam) para outros lugares discursivos, para outras ‘cenas’, que não a percebida na linearidade do texto especificamente”, (NASCIMENTO, 2002, p.13). Buscamos, portanto, mostrar que o discurso jornalístico não é apenas uma categorização, pois ele coloca em movimento relações histórico-sociais.

Este trabalho não poderia ser concluído sem apontar as questões do espetáculo da mídia, pois, baseado nas idéias de Neal Gabler, Pena (2005) entende que, no palco contemporâneo, o espetáculo em cartaz é a vida. Todos os espectadores têm “direito” de entrar na intimidade dos atores e constituir alteridades e idealizar heróis, porém, não satisfeita, a platéia quer ela mesma encenar o grande espetáculo que, para os autores, têm o nome de realidade. E este fato é notoriamente percebido por meio de nosso material de análise, já que os enunciados dos sujeitos-jornalistas suscitam novos enunciados dos sujeitos-bloggers que se posicionam e defendem seus pontos de vista, fato antes não percebido em nossa sociedade.

Evidenciamos, por meio deste trabalho, a emergência de discursos outros, sobretudo o político e o religioso, nas práticas discursivas dos comentários do *blog*. Marcou-se, de forma clara, que todo discurso é a retomada de um já dito, e seus sentidos somente podem ser apreendidos se for observada e analisada a relação interdiscursiva. Importante finalmente notar que o crime em questão serviu de pano de fundo para calorosas discussões sobre temas como a política e economia.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zigmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 14ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, Pedro (org). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.
- MATTOSO, Guilherme de Queirós. *Internet, jornalismo e weblogs: uma nova alternativa de informação*. 2003. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em: 30/07/2008.

- MOREIRA, Elizabeth Huber. *A mídia e o exercício do poder na atualidade*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.
- NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. *Jornalismo em revista no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002.
- NAVARRO, Pedro. O Pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In: NAVARRO, Pedro (org). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- OLIVEIRA, Maria Regina Momesso. Weblogs: a exposição de subjetividades adolescentes. In. SARGENTINI, Vanice e NAVARRO-BARBOSA, Pedro. M. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Editora Claraluz, 2004.
- ORLANDI, Eni.P. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.
- PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.
- RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência e práticas discursivas. In: PEREIRA, Carlos Aberto M. et al. *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro, 2002.
- SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.